



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JULIANA CRISTINA MARES LARANJA

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ATEU NA TV BRASILEIRA:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO DE PROGRAMAS DA TV ABERTA

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Comunicação, habilitação Comunicação Organizacional, sob orientação da Prof^ª. Dra. Elen Geraldes

Brasília
2015

JULIANA CRISTINA MARES LARANJA

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ATEU NA TV BRASILEIRA:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO DE PROGRAMAS DA TV ABERTA

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Comunicação, habilitação Comunicação Organizacional, sob orientação da Profa. Dra. Elen Geraldês

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elen Cristina Geraldês (FAC/UnB)

Prof^a. Dr^a Ellis Regina Araújo da Silva (FAC/UnB)

Prof^a. Dr^a Gabriela Pereira de Freitas (FAC/UnB)

Prof. Dr Samuel Pantoja Lima (FAC/UnB)

**As representações sociais do ateu na TV brasileira:
Uma análise de discurso de programas da TV aberta**

Juliana Cristina Mares Laranja*

RESUMO:

Este trabalho busca analisar as representações sociais do ateu na mídia brasileira, a partir de alguns conteúdos da TV aberta que abordam o tema. A fim de compreender o objeto pesquisado, elaborou-se um estudo acerca de discursos televisivos que expressam representações sociais dos indivíduos sem crença. O trabalho foi desenvolvido por meio de um levantamento feito pela *internet* de programas brasileiros exibidos em canais da televisão aberta. Foram escolhidos três programas para análise: uma edição do programa jornalístico *Brasil Urgente* e também cenas das novelas *Sangue Bom* e *Babiônia*. Também foi realizada uma pesquisa exploratória de natureza bibliográfica visando ao conhecimento dos contextos históricos e filosóficos nos quais o ateu está inserido. Os resultados mostram que a postura moral dos ateus vem sendo questionada há muito tempo, o que contribui para a geração do preconceito e da discriminação reproduzidos pelos discursos na televisão.

Palavras-chave: Comunicação. Ateus. Televisão. Representações Sociais. Análise de discurso.

*Aluna do 8º período do Curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília UnB – Brasília DF.
E-mail: juorangee@gmail.com

1 Introdução

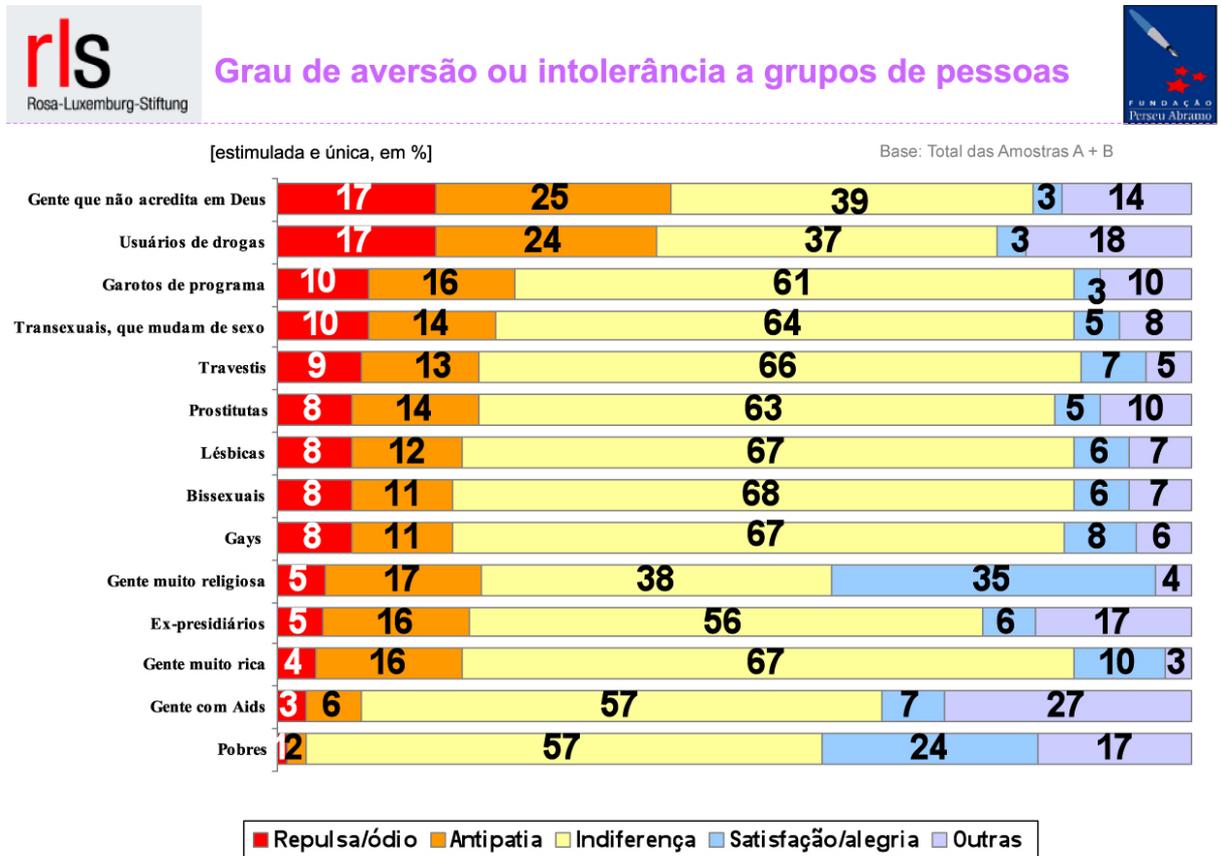
A falta de representação de certos grupos, sendo eles minoritários ou não, nos meios de comunicação é motivo de discussões e lutas em busca de uma igualdade no acesso a esses canais de expressão social. Alguns grupos, como os que batalham pelos direitos civis dos homossexuais e os que são contra o racismo, já têm uma maior notoriedade na mídia. Mesmo que não tenham alcançado seus objetivos, fazendo com que a sociedade compreenda/aceite suas mensagens, já avançaram em muitos aspectos relativos à visibilidade midiática.

Temas ligados à religião e crenças espirituais podem gerar polêmicas quando colocados em debate, ou, pior ainda, podem ser silenciados pelo senso comum de que não devem ser discutidos. A ausência de crença em uma entidade espiritual superior pode gerar um silenciamento ainda maior, pois ateus e agnósticos são uma minoria no Brasil que aparentemente não têm espaço alocado na mídia de massa, como católicos e evangélicos, com programas e até canais na televisão aberta, já conquistaram.

No censo demográfico feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, 15 milhões de pessoas disseram não ter religião, desses 615 mil afirmaram expressamente serem ateus e 124 mil, agnósticos, totalizando 739.532 pessoas. Isso representa aproximadamente 0,39 da população. Alguns ativistas ateístas, no entanto, criticam a forma como o censo aborda o tema, gerando, para eles, um resultado subestimado. O blog Portal do Ateísmo (*portal-ateismo.blogspot.com.br*) afirma que o censo do IBGE é afetado pelo encadeamento das questões, o que impede os entrevistados de assumirem ser ateus.

Uma pesquisa sobre intolerância no país, realizada em 2008 pela Fundação Perseu Abramo (Figura 1), revelou que, dentre todos os grupos pesquisados, os ateus sofrem o maior grau de aversão. Entre os entrevistados 42% sentem repulsa, ódio ou antipatia por eles.

Figura 1



P10. Vou falar de alguns grupos de pessoas e gostaria que o/a sr/a. dissesse o que o/a sr/a. sente normalmente quando vê ou encontra desconhecidos do tipo deles.

Fonte: Fundação Perseu Abramo

Esses dados encontrados nas pesquisas do IBGE e da Fundação Perseu Abramo mostram a relevância do tema no país. O contingente de ateus aparentemente não dispõe de meios ou canais de comunicação para, de uma forma adequada, se expressar, ao contrário das principais religiões monoteístas, que utilizam dos mais variados instrumentos da comunicação para exporem suas ideias.

O grupo organizado sobre o tema que tem maior destaque no Brasil é a Atea (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos), uma entidade sem fins lucrativos que surgiu da necessidade de uma organização atea no Brasil. O grupo conta com mais de 13.000 associados e promove ações midiáticas para que os valores e interesses de ateus e agnósticos ganhem mais visibilidade na sociedade. Foram duas campanhas principais promovidas pela associação utilizando *outdoors* e *busdoors*, em 2010 e 2014, objetivando contemplar os dois focos de atuação da entidade, que são a defesa da laicidade do Estado e a luta pelo fim do preconceito

contra os ateus. Alguns exemplos das peças das campanhas estão nas imagens a seguir:

Figura 2: Campanha de 2010



Fonte: Atea

Figura 3: Campanha de 2010



Fonte: Atea

Figura 4: Campanha de 2014



Fonte: Atea

Este artigo apresenta análises de discurso de três programas da TV aberta brasileira que abordam tal grupo social. O conceito de programa adotado aqui é o apresentado por Machado no livro *A televisão levada a sério*: “Programa é qualquer série sintagmática que possa ser tomada como uma singularidade distintiva, com relação às outras séries sintagmáticas da televisão” (MACHADO, 2000).

As análises se voltam para edições particulares de programas nos quais o ateísmo foi exposto de alguma forma: o jornalístico *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes, e as novelas da Rede Globo, *Sangue Bom* e *Babilônia*. O objetivo principal é compreender como são construídas as representações sociais dos ateus por meio de determinados discursos televisivos:

A observação das representações sociais é, de fato, facilitada em muitas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais. (JODELET, 1989)

2 Definições e contexto histórico/filosófico

2.1 Ateu x agnóstico

A palavra “ateu” é formada pelo prefixo grego “a”-, usado como partícula de negação, mais o sufixo “theos”, “deus”. Ou seja, “ateu” é “sem deus”. Ateísmo é a ausência de crença em quaisquer divindades, não uma oposição a Deus, o que origina muito preconceito. Não é uma forma de religião ou doutrina espiritual, não envolve escrituras sagradas, nem hierarquia, apenas o compartilhamento da ausência da crença em quaisquer divindades.

É comum encontrarmos as palavras ateu e agnóstico juntas, mas não se trata de sinônimos. A distinção já começa na etimologia da palavra. Agnóstico também vem do grego “a”, que como observado se trata de negação, e de “gnosis”, cujo significado é conhecimento. O agnóstico nega ter conhecimento suficiente para saber se existem ou não divindades. “Quanto aos deuses, não posso saber se existem nem se não existem nem qual possa ser a sua forma; pois muitos são os impedimentos para sabê-lo: a obscuridade do problema e a brevidade da vida do homem” (LAERCIO, 1947).

Richard Dawkins, escritor britânico e ateu ativista conhecido mundialmente, em seu livro *Deus, um delírio*, divide a forma de se acreditar em Deus em um espectro de probabilidades com sete categorias baseadas na intensidade da convicção do indivíduo em sua crença ou não crença. Nesse espectro estão compreendidas variações gradativas de tipos de ateus e agnósticos:

1 Teísta convicto. Probabilidade de 100% de que Deus existe. Nas palavras de C. G. Jung, “Eu não acredito, eu sei”.

2 Probabilidade muito alta, mas que não chega aos 100%. Teísta *de facto*. “Não tenho como saber com certeza, mas acredito fortemente em Deus e levo minha vida na pressuposição de que ele está lá.”

3 Maior que 50%, mas não muito alta. Tecnicamente agnóstico, mas com uma tendência ao teísmo. “Tenho muitas incertezas, mas estou inclinado a acreditar em Deus.”

4 Exatamente 50%. Agnóstico completamente imparcial. “A existência e a inexistência de Deus têm probabilidades exatamente iguais.”

5 Inferior a 50%, mas não muito baixa. Tecnicamente agnóstico, mas com uma tendência ao ateísmo. “Não sei se Deus existe, mas estou inclinado a não acreditar.”

6 Probabilidade muito baixa, mas que não chega a zero. Ateu *de facto*. “Não tenho como saber com certeza, mas acho que Deus é muito improvável e

levo minha vida na pressuposição de que ele não está lá.

7 Ateu convicto. "Sei que Deus não existe, com a mesma convicção com que Jung 'sabe' que ele existe." " (DAWKINS, 2006)

Dentro dessa classificação, nem o próprio Dawkins se coloca na categoria 7, ele diz estar na 6, mas com fortes tendências à 7. O autor diz que na prática é mais fácil encontrar pessoas na categoria 1, que tem certeza da existência de um deus, do que na categoria 7, que tem a certeza da inexistência, pois a razão por si só não tem como levar alguém à plena convicção de algo, já a fé, sim (DAWKINS, 2006).

Além da abordagem etimológica e do espectro de probabilidades de Dawkins, podemos encontrar nos estudos sobre os fundamentos do ateísmo algumas classificações que se diferenciam pela forma como o indivíduo ateu se relaciona com a ideia de divindades. André Cancian, responsável pelo site brasileiro ateu.net, apresenta duas modalidades-tronco que classificam formas mais comuns de ateísmo encontradas: ateísmo implícito e explícito (CANCIAN, 2002).

Segundo Cancian, o ateísmo implícito, que se subdivide em natural e prático, não está baseado na negação de forma consciente da existência de deus, mas quando o indivíduo não leva em consideração nem a hipótese da existência, muitas vezes por ignorância sobre a ideia de deus. No ateísmo explícito, o ateu rejeita conscientemente a ideia da existência. Nessa categoria estão aqueles que a partir de deliberações filosóficas ou por quaisquer outros motivos não acham válidas a ideia da existência divina. Logo, ateísmo é apenas uma classificação e não uma doutrina.

2.2 Histórico do ateísmo

O processo de desenvolvimento cultural das diversas sociedades humanas se deu de forma que é possível encontrar traços fundamentais em comum entre elas (BOAS,1896). Ainda que sem compartilhar nenhum tipo de contato ou raízes históricas, povos primitivos distantes uns dos outros desenvolveram elementos semelhantes característicos como a crença em forças invisíveis. Essa noção da existência de agentes invisíveis no ambiente é algo comum a todas as religiões. "Não existem povos, por mais primitivos que sejam, sem religião nem magia"

(MALINOWSKI, [s.d]).

A palavra crença, no contexto religioso, refere-se à existência ou não de algo. Crença é aquilo que se acredita ser verdadeiro, algo constante e implícito na consciência do indivíduo e é expressa na construção dos princípios morais e principalmente no comportamento ritual de quem crê.

Muitas das fontes da descrença podem estar entre a crença, pois as reformulações dos dogmas trazem a dúvida. Não é fácil encontrar as raízes do ateísmo enquanto corrente de pensamento, o que se pode fazer é descrever os diversos momentos na história em que a descrença em deuses se tornou foco do pensamento de estudiosos e na vida de sociedades ao redor do mundo.

Mesmo em sociedades com estrutura social menos complexa, as crenças já tinham relação com autoridade. Os chefes espirituais como xamãs e pajés também eram líderes sociais. Nas sociedades primitivas a presença de ateus não seria notada, uma vez que, em muitas crenças dessas sociedades, dizer que não existe ou não acredita em bruxaria, por exemplo, tornaria alguém suspeito de praticá-la (BOYER, 2004)¹ Eram contextos em que o indivíduo não tinha escolha. A expressão de suas dúvidas teria graves consequências.

As origens do pensamento ateu podem ser encontradas em filósofos gregos bem conhecidos como Aristóteles (384 a.C), Sócrates (469 a.C) e Platão (427 a.C.) que questionavam a origem do universo. Este último denominava ateísmo como “doença” que não consistia apenas na descrença, mas abrangia a quem criticava a religião dominante ou acreditava em deuses diferentes “Na Grécia antiga, ateísmo era a acusação comum feita àqueles que fizessem crítica à religião predominante. Se a pessoa fosse pública ou influente, essa acusação poderia servir como forma de vingança ou para desacreditá-lo diante da opinião pública.”(COSTA, 2009). Portanto, pode se dizer que entre os gregos o ateísmo puro não fazia parte da realidade. O que de fato mais existia era “uma crítica não aos deuses, mas, aos equívocos das concepções que ameaçavam à genuína compreensão teológica.”

Para outro filósofo grego, Demócrito (460 a.C), a explicação para a existência de tudo está na composição básica das coisas: o átomo. Ele acreditava que nada foi

¹Em depoimento feito ao documentário *Ateísmo: A Breve História da Descrença* de 2004 dirigido por Richard Denton.

criado, tudo sempre existiu, o que descartava a existência de seres sobrenaturais criadores e responsáveis por tudo.

O primeiro filósofo a declarar a não existência de deuses foi um seguidor de Demócrito, Epicuro (341 a. C):

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quiser e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede? (EPICURO, 341 a. C).

Quando o cristianismo se tornou a religião oficial de Roma, muitas escolas de filosofia foram fechadas por disseminarem uma visão de mundo na qual predominava a descrença. Adotou-se, para convencimento da população, o uso de imagens religiosas, contrastando com as outras religiões monoteístas que não permitiam essa representação das divindades.

Jonathan Miller explica no documentário da BBC *Ateísmo: A breve história da descrença*, que, para ele, existiram duas correntes de pensamento em que pessoas ortodoxas começaram a se definir como ateias. Segundo Miller, elas surgem de duas fontes: uma, de influência horizontal, vinda da descoberta de novos mundos nos quais havia pessoas que não compartilhavam da mesma crença, nem tinham conhecimento da existência do cristianismo; e outra, vertical, oriunda do ceticismo pagão e do materialismo greco-romano de filósofos como Epicuro, Demócrito e Lucrécio.

O ateísmo ganhou mais destaque no início de século XIX quando os avanços tecnológicos e científicos intensificaram a ideia de que a figura de Deus não era necessária e tão pouco útil ao ser humano. Autores como Friederich Nietzsche, Sigmund Freud e Karl Marx construíram interpretações sobre a realidade humana que dispensavam a existência de um 'ser supremo'.

A filósofa Karen Armstrong (1994), especialista em temas de religião, em sua obra *Uma história de Deus*, explica que a diferença entre a moderna sociedade

técnica e as antigas civilizações agrárias seria que as últimas eram mais vulneráveis, com recursos limitados e dependentes de fatores naturais. Já com as novas condições técnicas a sociedade não dependia mais da agricultura, tornando-se mais independente das condições ambientais.

O processo de industrialização e as revoluções políticas e sociais que estavam ocorrendo transformaram a forma com que os indivíduos percebiam a realidade, mudando as prioridades e os conceitos sobre a própria vida. Assim:

Os vários governos da Europa acharam necessário reconstituir-se e empenhar-se numa revisão contínua de suas leis, para satisfazer as sempre mutantes condições da modernidade.[.....]. Isso seria impensável sob a antiga disposição agrarizada, quando a lei era tida como imutável e divina. (ARMSTRONG, 1994)

Nesse cenário, o ateísmo se fortalece. Já o teísmo encontra na política um importante aliado, do qual não se separa nem no século XXI. Não foi por acaso que em 1987, o então presidente dos EUA George Bush declarou sua aversão aos ateus fazendo uma relação direta entre Deus e cidadania: “não acho que os ateus devam ser considerados patriotas, nem tampouco cidadãos” (George Bush, 1987). Mesmo existindo a separação legal entre estado e religião, no ideário social essa distinção é difícil de ser concretizada. Deus pode não dar votos, mas alegar a crença nele tranquiliza e dá confiança ao eleitor.

3 Representações Sociais do ateísmo

Desenvolvida pelo psicólogo social Serge Moscovici (1961) a Teoria das Representações Sociais propõe a investigação do senso comum para entender a interferência da sociedade nos indivíduos e grupos sociais, compreendendo também o papel dos meios de comunicação.

Representações Sociais são formadas para permitir a ligação do indivíduo com o mundo à sua volta (JODELET, 1989). São ideias genéricas usadas para analisar e descrever um objeto dentro de um contexto social, que surgem da percepção da sociedade pela própria sociedade..

Em um mundo complexo, em amplo processo de mudança, as Representações Sociais também podem se transformar, englobando novos aspectos e características, sem, no entanto, apagar os aspectos e características prevalentes anteriormente (JODELET,1989). Quais as representações sociais dos ateus na mídia? Elas se transformaram, são contraditórias ou uniformes? Para responder a essas questões, vamos nos debruçar em discursos produzidos e veiculados na televisão, cuja importância para a sociedade brasileira é inegável, seja pela audiência, seja pela capacidade de pautar temas sociais em decorrência dessa própria audiência e da credibilidade. (MACHADO, 2000)

3.1 Representações sociais e os discursos na televisão brasileira

Os estudos sobre a televisão como meio de comunicação a consideraram, durante muito tempo, um meio popularesco de caráter mercadológico que visava apenas o sustento do sistema econômico atual (MACHADO, 2000). Arlindo Machado faz uma crítica a essa visão da televisão exclusivamente como um meio repleto de banalidades. Segundo ele, as atenções estavam voltadas para uma estrutura genérica e não para o mais importante:

[...]que é o exame efetivo do que a televisão realmente produziu nesses últimos 50 anos – os programas – e, sobretudo, o exame detalhado daquilo que, dentro da imensa massa indiferenciada de material audiovisual, se distinguiu, permaneceu e permanecerá como uma referência importante dentro da cultura de nosso tempo.(MACHADO,2000)

O conteúdo dos programas transmitidos pela televisão por meio da linguagem audiovisual precisa ser avaliado de forma valorativa observando a qualidade não apenas em um conceito puramente técnico de capacidade e recursos, mas a qualidade em outros aspectos. O poder de gerar participação e interesse da sociedade em temas de relevância e a promoção da expressão da diversidade sociocultural também são qualidades desse meio popular que merece atenção.

3.1.1 O discurso: estrutura linguística e linguagem

A professora Eni Orlandi, responsável por introduzir os estudos sobre análise de discurso no Brasil, define discurso como efeito de sentido entre locutores através da linguagem, onde existe um sistema de significantes que se relaciona com sua exterioridade (ORLANDI, 1994), ou seja, o discurso seria uma instância da linguagem não centrada apenas na língua, leva em conta as relações de significações entre os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos.

O suporte linguístico tem papel importante na construção do discurso já que é através dele que transmitimos sentido às ideias “A matéria linguística é apenas uma parte de enunciado; existe também uma outra parte, não verbal, que corresponde ao contexto da enunciação”². Então, linguagem não é apenas um modo de transmitir mensagens, também é forma e resultado das interações sociais. A análise de discurso faz uma junção entre o linguístico e o social relacionando a linguagem com a ideologia, estudando manifestações de significados do seu objeto que é o discurso, produzindo uma forma própria de conhecimento (ORLANDI, 1994).

Os meios de comunicação difundem discursos responsáveis por reforçar a representação de grupos sociais, dentre eles os ateus. A seguir, uma análise de discurso feita a partir de programas apresentados em redes de televisão aberta do Brasil que tiveram o ateísmo como tema central de alguma forma.

3.1.2 Programa Brasil Urgente

A estrutura básica do teísmo ocidental se preocupa em sempre apresentar a distinção entre o que é religioso e o resto da vida humana, o mundano. Essa dicotomia é percebida no suporte linguístico do teísmo onde o *Sagrado* representa a completude e a perfeição e o *Profano* é algo que está fora do lugar consagrado. (KING, 2005)

As principais culturas nas quais são encontradas essa dicotomia da separação são as três maiores religiões monoteístas do mundo: cristianismo, judaísmo e islã. Em outras culturas orientais como a hinduísta, taoista, confucionista e xintoísta, a

²Nagamine citando Bakhtin mas não tem identificação além do nome do autor.

religião é parte integrante do modo de vida. A transcendência é encontrada no próprio humano e não em coisas separadas com propósito sagrado.(KING,2005)

Partindo dessa dicotomia criada por algumas doutrinas religiosas, pode-se compreender a origem de discursos como o feito pelo apresentador José Luiz Datena, em seu programa *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes, no dia 27/07/2010. Datena comentava sobre o assassinato de uma criança, afirmando que o assassino só poderia ser ateu:

Não importa se você é judeu, se você é muçulmano, se você é católico, se você é evangélico, vocês acreditam em Deus. Eu parto dessa pressuposição. Quem não acredita em Deus, não precisa me assistir não, gente. Quem é ateu, não precisa me assistir, não. Mas se eu fizer uma pesquisa aqui se você acredita em Deus ou não, é capaz de aparecer gente que não acredita em Deus. Porque não é possível, cada caso que eu vejo aqui é gente que não tem limite, é gente que já esqueceu que Deus existe, que Deus fez o mundo e coordena o mundo. É gente que não acredita no inferno. Esse é o detalhe.(Datena,27/07/2010)

Vocês que não acreditam, se vocês quiserem assistir outro canal, não tem problema nenhum. Eu não faço questão nenhuma de que ateu assista o meu programa. Nenhuma. Agora, quem acredita em Deus, seja evangélico, seja muçulmano, seja judeu, seja católico, qualquer religião, entendeu, de quem acredita em Deus, continue comigo. Quem não acredita, não precisa nem votar, não. Não precisa, de ateu não quero assistindo o meu programa. Ah, mas você não é democrático! Nessa questão, não sou não. O sujeito que é ateu, na minha modesta opinião, não tem limites. É por isso que a gente tem esses crimes aí. Agora, vocês que estão do lado de Deus, né, como eu, como eu, podiam dar uma lavada nesses caras que não acreditam em Deus." (Datena,27/07/2010)

...o sujeito que não respeita os limites de Deus é porque... ahn... não sei. Não respeita limite nenhum. (Datena,27/07/2010)

Quem não tem [Deus no coração] é quem comete esse tipo de crime. Quem mata e enterra pessoas vivas, quem mata criancinha, quem estupra, quem violenta, quem bate nas nossas mulheres... (Datena,27/07/2010)

O que é percebido é uma categórica aversão do apresentador a pessoas que não creem em nenhum tipo de divindade. O ateu está, segundo ele, diretamente ligado aos crimes mais bárbaros que um ser humano possa cometer. Datena ainda faz uma associação contraditória entre ateu e o “capeta” “Só pode ser coisa de gente que não tem deus no coração. De gente que é aliada do capeta. Só pode ser.” (Datena,27/07/2010). Ora, se a pessoa não acredita na existência de Deus, por que então acreditaria (e seguiria) o capeta, que também é uma figura de ordem espiritual? Nesse caso o termo “acreditar” é entendido mais com o sentido de “confiar” ou “seguir”. Portanto, o ateu seria alguém que sabe da existência divina, mas, por conta própria, escolheu não seguir esse caminho.

Esse pensamento é compartilhado por boa parte da sociedade brasileira, que é predominantemente cristã. Sendo atribuída a culpa de todos os males da sociedade aos que “não têm Deus no coração”. A única forma de ter moral, ter limites para viver em sociedade, é seguindo algum tipo de doutrina guiada por alguma entidade superior.

Na época, essa atitude do apresentador teve grande repercussão na *web* em redes sociais de ateístas, gerando grande repúdio por parte de não crentes. Mas não teve nenhuma visibilidade na grande mídia. Todos grandes noticiários ignoraram esse episódio de preconceito.

Datena, o repórter Márcio Campos e a Rede Bandeirantes foram condenados a pagarem indenização de R\$ 135.600,00 à Atea (Associação dos Ateus e Agnósticos do Brasil) por danos morais aos descrentes. A ação foi movida pelo presidente da ATEA, Daniel Sottomaior. Após a condenação o apresentador fez uma retratação em seu programa se colocando no papel de vítima, dizendo que estava sendo perseguido por acreditar em Deus e que estava sendo privado da liberdade de imprensa. A retratação foi exibida em 2013, três anos depois do discurso ofensivo:

...todos nós temos a nossa religião. Agora, se o cara não quiser acreditar em nada o problema é dele. Eu respeito ele não acreditar em nada. Só que ele respeite a lei dos homens, é isso! Eu to me sentindo perseguido religiosamente. Nós voltamos ao tempo do Coliseu? Quer dizer que os ateus querem me jogar pro leões?!É isso que está acontecendo nesse país aqui?! (Datena,2013)

Isso é uma brincadeira, uma barbaridade. E a liberdade de imprensa? Você não pode falar o que você pensa.” (Datena,2013)

...o cara que não acredita em alguma coisa pode ser que ele não tenha tantos freios assim pra se deter antes de um crime, mas tem cara que acredita demais e comete crimes. Fazer o quê?” (Datena,2013)

Agora, pô, até ateu me condenar. Eu to me sentindo perseguido religiosamente. Eu não posso acreditar em Deus?! Vocês querem que eu acredite no diabo ou não acreditar em nada como vocês?” (Datena,2013)

Pelo visto o apresentador não compreendeu que o processo foi uma forma de pedir respeito e não de acabar com a fé dele.

A ausência de informações sobre o assunto ocorre, aparentemente, porquê a sociedade não enxerga os ateus como uma minoria discriminada. Jodelet explica que “A falta de informação e a incerteza da ciência favorecem a emergência de representações que circulam de boca em boca ou rebate de um suporte mediático a outro.”(JODELET, 1989). Essa ideia acaba se tornando tão comum com o boca a boca que não gera estranhamento na sociedade. Caso esse mesmo discurso fosse feito substituindo ateus por negros, mulheres, gays e, até mesmo, cristãos, a atuação da mídia teria sido completamente diferente.

3.1.3 Novelas: Sangue Bom e Babilônia

Existe o discurso no senso comum que afirma que novelas são fomas de alienação do indivíduo, fazendo com que ele se distancie da realidade social do país. As telenovelas já fazem parte da identidade cultural do brasileiro, mas não apenas como produto de entretenimento, pois, seus temas e tramas apresentam grande impacto social. Elas não estão mais alheias aos temas de relevância para a sociedade. Alguns autores de novelas têm a noção da função social desse tipo de programa no país e aproveitam a linguagem de fácil entendimento para representar diversos grupos e problemas sociais.

Por mais não seja um assunto recorrente em novelas, o ateísmo teve espaço nas duas da Rede Globo de Televisão que aqui serão analisadas.

3.1.3.1 Novela Sangue Bom

A primeira cena estudada é da novela Sangue Bom, de Maria Adelaide Amaral, exibida no dia 19/09/2013. Na cena, a personagem Malu acusa a irmã Amora de ter cometido vários crimes e culpa a mãe, Bárbara, por não ter dado caráter e ensinado valores para a irmã. Assim, a mãe defende a filha:

Bárbara: A Amora é uma pessoa boa, generosa e temente a Deus!

Malu: Deus?! Ah..que Deus?! Dinheiro, fama e consumo viraram Deus agora?

Bárbara: Como que você ousa falar assim?! Eu sou uma pessoa de fé e fiz questão de dar a todos vocês uma formação religiosa.

Malu: Pois os meus princípios eu aprendi com o meu pai.

Bárbara: Claro! Um ateu confesso.

Malu: Pois eu acho mais honesto ser ateu do que ficar ensinando seus filhos a rezar por um Deus com o qual vocês barganham, trocam favores. Isso pra mim é insultar Deus.

Em sua fala Bárbara já parte do pressuposto de que quem é “temente a Deus” é bom, e, portanto, não comete crimes. Já Malu critica a forma consumista e mau caráter com que a mãe e a irmã enxergam o mundo, acabando até por desvirtuar a concepção de Deus.

Ao assumir que aprendeu seus princípios com o pai, um ateu, Malu, mesmo sendo cristã, representa a ideia de que não é necessário crer em um deus para ter valores, bons princípios e bom caráter.

O tema central da cena não foi o ateísmo em si, mas serviu para fazer uma breve e positiva abordagem sobre o ateu, além de fazer uma dura crítica às pessoas hipócritas que se escondem atrás da fé.

Um dia depois da exibição da cena, o grupo Atea fez uma postagem no *Facebook* perguntando se as pessoas tinham gostado da forma positiva com que um ateu tinha sido apresentado, sugerindo que quem gostou agradecesse a autora em seu perfil pessoal.

3.1.3.2 Novela Babilônia

No caso da novela Babilônia, de Ricardo Linhares, o tema descrença já tem um tratamento mais específico. A trama conta com um personagem fixo que é ateu, o estudante Rafael. Ao longo da novela Rafael se apaixona por Laís, a filha de um pastore político corrupto, Aderbal.

A cena do jantar marcado para que Rafael conhecesse a família de Laís gerou apoio ao personagem ateu por uma parte do público. Talvez essa tenha sido a primeira vez que muitos pararam para pensar que os ateus são discriminados pela sociedade. Essa cena foi ao ar no dia 06/042015.

No jantar, o diálogo se inicia com uma conversa sobre a noite em que Laís se perdeu e conheceu Rafael. Consuelo, mãe de Aderbal, demonstra sua preocupação com a neta:

Consuelo: Se não fosse Deus guardando a integridade da minha neta, o diabo tinha completado o serviço!

Rafael: É, na verdade não teve muito deus nem diabo. Fui eu que salvei e cuidei da sua neta...

Consuelo: Como é que é, rapaz? Como é que é? Você está desdenhando do poder do Senhor?!

Rafael: Não, de maneira nenhuma. Eu respeito a crença de todas as pessoas.

Aderbal: Qual é a sua religião, rapaz?

Rafael: Nenhuma. Eu não tenho religião.

Consuelo: Ahh!!

Aderbal:(aos gritos) Ponha-se daqui pra fora! Você não é digno da minha filha, nunca mais ponha os pés aqui, não procure mais a Laís, nunca mais!

Consuelo: Ateu! Um ateu, como é que pode?!

Rafael: Mas eu disse que respeito a crença dos outros.

Consuelo: Mentira, ateu não respeita nada!

Rafael: Claro que respeita, por isso mesmo eu quero que respeitem a minha descrença!

Aderbal: Vá procurar respeito lá em Madureira, embaixo do viaduto, no raio que o parta! Na minha casa, não! Some! Rua!

A conversa seguia normalmente até o momento em que o assunto religião entrou em pauta. Um comentário feito pelo personagem ateu que exclui a

interferência de deus ou diabo na vida humana desencadeou as falas preconceituosas dos outros personagens. Mesmo dizendo que respeitava a crença de todos, o rapaz não teve espaço e foi expulso da casa de forma agressiva. O único motivo: ser ateu. Porém é curiosa a ambiguidade de Rafael, pois afirma respeitar outras crenças, mas ironiza a fala de Dona Consuelo sobre um deus cuidadoso e protetor.

Por parte dos teístas, o discurso é ancorado na (falta de) moralidade do ateu, que não respeitaria ninguém “Cortamos o mal pela raiz. Impossível ser civilizado com quem renega a existência de Deus, minha filha. Quem não tem religião não tem moral, não tem princípios.”, diz Aderbal para Laís.

De acordo com informações do *site noticiasdatv.uol.com.br* publicadas no dia 07/04/2015, inicialmente a fala de Rafael nessa cena, quando questionado sobre sua religião, seria: “Nenhuma. Eu sou ateu.”, já que o ele era um ateu assumido desde o início da novela. A mudança se deu devido a rejeição que o personagem vinha sofrendo justamente por ser ateu. Grupos cristãos fizeram campanhas pedindo para que a novela fosse tirada do ar por fazer apologia a homossexualidade, prostituição e ateísmo. O autor fez mudanças no roteiro em relação a esses temas para tentar amenizar a rejeição e recuperar a audiência. No caso do ateu a solução encontrada foi a mudança para “sem religião”.

Com base na linguagem usada nos discursos “ateofóbicos” observa-se um conjunto simbólico de conceitos inerentes à religião. Os discursos encontrados nos três casos analisados reforça a falta de ética, moral ou qualquer outro mecanismo de limite que regule a convivência em sociedade, como se estes só pudessem ser aprendidos dentro do âmbito religioso.

O interlocutor que constrói e transmite o discurso não pode ser considerado uma parte passiva na constituição do significado (NAGAMINE,2004), ainda mais se este está em um meio público de comunicação, como no caso do apresentador Datena que construiu um discurso de ódio aos ateus.

Essa visão da linguagem como interação social, em que o *Outro* desempenha papel fundamental na constituição de significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as interações intrínsecas entre o linguístico e o social. (NAGAMINE,2004)

Esses conteúdos de discursos difundido pelos meios de comunicação de massa, como a televisão, são diretamente responsáveis pela construção de representações que podem ser vistas como verdades e acabam pautando o comportamento social em relação a minorias sociais como os ateus, “As representações sociais disseminadas pelos meios de comunicação passam a se constituírem realidades as quais passam a integrar o perfil da opinião pública em forma de discurso da atualidade, tornando parte do senso comum.” (MORIGI, 2004)

Moscovici afirma que os meios de comunicação são responsáveis por aumentar a dinâmica em que as representações são criadas e reproduzidas, trazendo mudanças de conceitos que são trazidos para a realidade comum:

Os meios de comunicação de massa aceleram essa tendência, multiplicam tais mudanças e aumentam a necessidade de elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais. Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de re-constituir o ‘senso comum’ ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma sociedade pode operar.” (MOSCOVICI, 2003)

O ateísmo tem suas representações reforçadas pelo preconceito, como foi visto nos discursos analisados. A falta de moral ainda é uma das características mais ressaltadas de um ateu. Esse processo em que o esteriótipo é considerado realidade é chamado por Moscovici de ancoragem. Assim, o objeto representado, no caso o ateu, é ancorado a representações já existentes para ganhar um sentido que nem sempre condiz com sua realidade enquanto indivíduo no mundo social.

4 Considerações finais

A imagem social do ateu carrega um estereótipo de pessoa sem base moral que lhe permita entender a diferença entre o bem e o mal.

Como observado, historicamente a existência de ateus é comum, mesmo antes de tal definição ser usada para classificá-los. Historicamente também se percebe que a discriminação faz parte da vida de quem se assumia sem fé. Já nos dias de

hoje, essa discriminação ainda existe, mas o cenário das mídias sociais e a complexificação das sociedades, com legislações que protegem o direito à não crença, permitiram que muitos indivíduos se sentissem confortáveis para expressar ideias que antes eram combatidas com mais rigor; Esse crescimento do mundo virtual, aparentemente, fez com que muitos ateus saíssem do armário e assumissem sua posição em relação ao pensamento religioso dominante, por talvez encontrarem apoio ao perceber que existe muita gente com pensamento e interesses comum a eles.

As representações sociais são “uma 'modelização' do objeto diretamente legível em, ou inferido de, diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais” (JODELET, 1989). Na análise do meio aqui escolhido, a televisão, mesmo com uma amostra pequena para o estudo, foi possível encontrar pelo menos duas formas de representações sociais dos ateus. A primeira e mais recorrente é a que o ateu é apresentado tradicionalmente. Sua falta de fé é considerada uma falha psicológica e uma falta emocional que o tornam de caráter duvidoso. Essa representação está presente nos três discursos analisados,

Porém surgem novas formas de representação do ateu, possivelmente, pouco ou não percebidas antes na História. O ateu deixa de ser um vilão, como constatado nas duas novelas analisadas. Os autores buscaram mostrar que ser ateu não significa ser mau. Ateus são revelados como seres humanos que podem ter caráter e base moral sem nenhuma religião como suporte. O quadro a seguir apresenta as principais representações encontradas neste estudo:

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ATEU	
NEGATIVAS	POSITIVAS
Sem base moral	Cidadão comum
Sem limites	Pessoa com caráter
Necessariamente mau	Injustiçados
Adorador do demônio	

Constata-se aqui portanto, uma transformação nas representações sociais. Curiosamente, nos meios de comunicação, os discurso mais conservadores e mais

inovadores sobre o tema estão sendo veiculados. Em sua dissertação de Mestrado sobre ateísmo e comunicação, Sérgio Luís de Martin faz uma síntese da situação no Brasil:

“A comunicação social e o ateísmo no Brasil apresentam novas contexturas que despertam muita inquietação, requerem aprendizado e tolerância, tanto da comunidade atea como da sociedade brasileira no geral. A polarização de posturas parece uma realidade, enquanto uma situação de consenso de ambos os lados ainda não está delineada. São situações que compõem uma nova contextura religiosa e comunicacional no Brasil, uma vez que expõe decisões e ações contraditórias de uma mídia “socialmente responsável”, mas que aspectos ideológicos dos profissionais e responsáveis pelos meios de comunicação ainda se apegam a uma defesa de certas correntes religiosas.”(MARTIN,2014)

Analisar o cenário midiático sobre o tema justifica-se por uma preocupação com os espaços públicos de representações sociais. Espaços que por muito tempo permaneceram inacessíveis a certos grupos.

Referências

AUTRAN, Felipe - **Análise da Campanha Pró-Ateísmo da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos** Disponível em:

< <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0469-1.pdf>"<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0469-1.pdf>> Acesso em 3 de fevereiro de 2015

BOAS, Franz - **Antropologia Cultural** .Organizador: Celso Castro. Editora: Zahar , 2004

Campanhas Atea. Disponível em: <<http://www.atea.org.br/index.php/campanhas>> Acesso em 3 de fevereiro de 2015

CANCIAN, André Dísposre - **Ateísmo & Liberdade: uma introdução ao livre-pensamento** - 2002

CNA - Censo Nacional de Ateus. Disponível em:

<<http://portal-ateismo.blogspot.com.br/2013/02/ateismo-na-midia-brasileira.html>> Acesso em 23 de fevereiro de 2015

DAWKINS, Richard – **Deus, um delírio**. São Paulo: Editora Companhia das. Letras, 2006.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO – **Pesquisa - Democratização da Mídia (2013) e Pesquisa- Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil: Intolerância e respeito às diferenças sexuais(2008)**

Disponível em: <novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisa-lgbt.pdf> Acesso em 5 de setembro de 2014

Globo corta 'ateu' e começa a mudar Babilônia; Alice desiste de programa

Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-corta-ateu-e-comeca-a-mudar-babilonia-alice-desiste-de-programa-7275>> Acesso em 15 de abril

de 2015.

HERMISTEN, Maia Pereira da Costa - **A “DOENÇA” Do Ateísmo entre os gregos**

Disponível em: <www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_COSTA_ate_C3%Adsmo_gregos.pdf> Acesso em 23 de março de 2015

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010 – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, p.1-215, 2010.

JODELET, Denise - **Représentations sociales: un domaine en expansion**. In D. Jodelet (Ed.) Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ-Faculdade de Educação, dez. 1993.

KING, Winston L. Religião [Primeira Edição], in JONES, Lindsey (ed.) **Encyclopedia of Religion** - Second Edition, Chicago McMillian, 2005, Tradutor: Agnaldo Cuoco Portugal (Brasília, 2012). Pp 7692-7701.

LIMA, Venício A. de e GUIMARÃES (orgs.). **Liberdade de expressão: As várias faces de um desafio**.

MACHADO, Arlindo – **A Televisão levada a sério**. Televisão: A questão do repertório. Editora Senac São paulo, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw – **Magia, ciência e religião**, 1948

MARTIN, Sérgio Luís de. **Comunicação e Ateísmo: Novas Contexturas no Brasil** Disponível em:

<http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/362/2/Dissertacao_Sergio%20Luis%20de%20Martin.pdf> Acesso em 9 de setembro de 2014

MILLER, Jonathan - **Ateísmo: A Breve História da Descrença**. Documentário

dirigido por Richard Denton. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iR7gUEzAkxE>> Acesso em 25 de janeiro de 2015

MORIGI, Valdir José – **Teoria Social e Comunicação: Representações Sociais, produção de sentidos e construção do imaginário midiático**. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/9/10>> Acesso em 17 de abril de 2015

NAPOLITANO, Carlo José. **A Regulação Jurídica da Comunicação Social na Constituição de 1988**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1901-1.pdf>> Acesso em 3 de fevereiro de 2015

Orgulho de ser ateu. Disponível em: <gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/05/noticias/a_gazeta/dia_a_dia/1231887-orgulho-de-ser-ateu.> Acesso em 3 de fevereiro de 2015

ORLANDI, Eni Puccinelli - **Discurso, Imaginário Social e Conhecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 1994